

TERESA MARTINS GARCIA MARQUES DA COSTA

***SONHAR-ACORDADO***

Pontifícia Universidade Católica  
São Paulo - SP  
2008

TERESA MARTINS GARCIA MARQUES DA COSTA

**SONHAR-ACORDADO**

Trabalho de conclusão de curso como  
exigência parcial para graduação no  
Curso de Psicologia, sob orientação da  
Profa. Dra. Marina Pereira Gomes

Pontifícia Universidade Católica  
São Paulo - SP  
2008

***Que somos todos diferentes, é um axioma da nossa naturalidade. Só nos parecemos de longe, na proporção, portanto, em que não somos nós. A vida é, por isso, para os indefinidos; só podem conviver os que nunca se definem, e são, um e outro, ninguém.***

***Cada um de nós é dois, e quando duas pessoas se encontram, se aproximam, se ligam, é raro que as quatro possam estar de acordo. O homem que sonha em cada homem que age, se tantas vezes se malquista com o homem que age, como não se malquistará com o homem que age e o homem que sonha no Outro?***

***Somos forças porque somos vidas. Cada um de nós tende para si próprio com escala pelos outros. Se temos por nós mesmos o respeito de nos acharmos interessantes (...) Toda a aproximação é um conflito. O outro é sempre o obstáculo para quem procura. Só quem não procura é feliz; porque só quem não busca, encontra, visto que quem não procura já tem, e já ter, seja o que for, é ser feliz, como não pensar é a parte melhor de ser rico.***

***Olho para ti, dentro de mim, noiva suposta, e já nos desavimos antes de existires. O meu hábito de sonhar claro dá-me uma noção justa da realidade. Quem sonha de mais precisa de dar realidade ao sonho. Quem dá realidade ao sonho tem que dar ao sonho o equilíbrio da realidade. Quem dá ao sonho o equilíbrio da realidade, sofre da realidade de sonhar tanto como da realidade da vida e do irreal do sonho como do sentir a vida irreal.***

***Estou-te esperando, em devaneio, no nosso quarto com duas portas, e sonho-te vindo e no meu sonho entras até mim pela porta da direita; se, quando entras, entras pela porta da esquerda, há já uma diferença entre ti e o meu sonho. Toda a tragédia humana está neste pequeno exemplo de como aqueles com quem pensamos nunca são aqueles em quem pensamos.***

**Fernando Pessoa, in 'O Rio da Posse'**

Teresa Martins Garcia Marques da Costa: *Sonhar-acordado*, 2008

*Orientadora:* Profa. Dra. Marina Pereira Gomes

*Palavras chave:* *Sonhar-acordado*; *ser-no-mundo*; *ser-com-os-outros*; temporalidade; significação.

## **RESUMO**

Este é um trabalho de pesquisa em que desenvolvo o fenômeno *sonhar-acordado*. O objetivo é ampliar a compreensão deste e entender qual o espaço do *sonho-desperto* nos dias atuais, como ele se dá. A abordagem em que me apoio para elaborar este projeto é a fenomenológica. Para realizar esta pesquisa, lanço mão da entrevista-reflexiva no encontro com duas mulheres na faixa etária de 40 anos, que revelam um modo próprio de estar no mundo e que possuem características talvez singulares da meia-idade.

O *sonhar-acordado* é caracterizado como um movimento de se lançar para o futuro, numa abertura, de forma que a imaginação, o devaneio atravessa e é atravessado pela realidade concreta e externa. Alguns aspectos como a imaginação, coragem, compartilhamento e outros estão entrelaçados a este fenômeno e são desenvolvidos no decorrer do trabalho.

A partir do levantamento dos dados por meio das entrevistas e da análise destes, alguns aspectos desenvolvidos na apresentação do trabalho foram confirmados, como a implicação do homem em seu mundo e a temporalidade, em especial o tempo futuro, como horizonte de significação. Além disso, surgiram unidades de significados, no sentido de confirmar e aprofundar o que já havia sido abordado, e outras inusitadas que sugerem uma reflexão interessante.

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	06
MÉTODO .....	15
ANÁLISE DOS ADOS.....	18
<i>Entrevista com L.....</i>	19
<i>Entrevista com M. ....</i>	24
DISCUSSÃO E CONCLUSÃO.....	27
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....	31
<i>Endereços Eletrônicos .....</i>	32
<i>Bibliografia complementar .....</i>	32
ANEXO .....	33

## INTRODUÇÃO

Neste Trabalho de Conclusão de Curso debruço meu olhar sobre o fenômeno *sonhar-acordado*. Pretendo compreender o sentido e o significado do *sonho-desperto* na vida de duas mulheres, de 40 e 41 anos de idade.

Entendo *sonhar-acordado* ou *sonho-desperto* como um movimento de se lançar para o futuro, numa abertura, de forma que a imaginação, o devaneio atravessa e é atravessado pela realidade concreta e externa.

No dicionário Houaiss (2001), o sonho-diurno é descrito como *enredo imaginado quando o indivíduo está em estado de vigília*. Outras caracterizações se encontram no *sonhar*, no sentido figurado: *imaginar-se na condição de; ver-se; desejar com insistência (algo); almejar; admitir a possibilidade de (algo); prever; supor; imaginar*. (p.2608) É curioso notar que há um algo entre parênteses.

Outras expressões como projeto de vida, devaneio, esperança e projeção para o futuro podem vir a contribuir no intento de se entender sobre o que se trata, porém nenhuma destas expressões isoladas esgota ou define o conceito deste tipo de sonho.

Embora o *sonho-desperto* seja algo a que todos acomete, é algo muito efêmero. Há pouca bibliografia acadêmica sobre o tema em contrapartida às vastas contribuições no universo poético e artístico, o que nos provoca a refletir sobre a dimensão deste fenômeno.

Pompéia (2004) é um autor que explora tal assunto. Em seu livro “*Na presença do sentido*”, ele dedica um capítulo para falar sobre o tema. Ele afirma que por trás de todo sonho há uma força, uma possibilidade e uma energia de ser. O sonho dá também significado às coisas. “*Significado só pode ser dado por alguém que sonha*”. (p.101) O *sonhar-acordado* nos coloca no mundo de forma a nos responsabilizarmos por nós mesmo. É ele que faz com que o homem não seja totalmente determinado pelo mundo e firme seu espaço na realidade. O *sonho-desperto* é um fenômeno humano e real. É um instrumento que propicia o desdobrar da realidade.

O autor coloca também que o *sonho-acordado* pode ser destruído ou morrer de uma hora para outra, por diversos motivos. E quando isso acontece, a solidão e a tristeza são sentimentos freqüentemente sentidos. O *sonho-desperto* demanda uma grande energia e propicia uma abertura para o ser. “São nossos sonhos que nos fazem sensíveis, que nos abrem para o cuidado dos outros, das coisas e até de nós mesmos”. (p.41). Por mais que um sonho morra, a capacidade de sonhar do homem persiste.

O *sonho-desperto* distingue-se dos sonhos que ocorrem durante o sono, especificamente no sono REM. No entanto, há muitos aspectos coincidentes entre ambos. As imagens produzidas ao longo de ambos são exemplos disso.

Boss (1979), ao falar do sonho ao dormir, aponta este como imaginação criativa da afinação do sujeito, de sua reverberação no mundo. Ele propõe que para se compreender um *sonho-dormindo* deve-se “considerar para que fenômenos a existência do sonhador está aberta (...) e que afinação determina sua forma de se comportar” (p.41).

Entendo que o *sonho-desperto* também contempla tais atribuições. Boss desenvolve também a relação entre o sonhar e o estar desperto. A partir daí, é possível identificar características em comum e próprias do *sonhar-acordado*.

Ambos os tipos de sonho – desperto e dormindo - são processos criativos ‘subjativos’ que abrangem aspectos da realidade.

“(...) os seres e eventos do nosso sonhar possuem caráter específico de realidade. Aquilo que nós os seres humanos encontramos no sonhar -assim como no estado desperto - é tal que aparece na abertura da percepção humana e é assim trazido para sua presença, para seu ser”.(Boss, 1979:179).

O *sonho-desperto* não é uma fuga da realidade, se é que esta pode ser definida. É estar ciente das conjunturas em que se encontra o indivíduo e ampliar este mundo. É de certa forma, um desvelar.

Os seres humanos em sua *abertura-de-mundo* com os outros, não se caracterizam por qualidades objetivas. Boss (1978) coloca:

“(…) como campo de abertura e compreensão, o traço básico da existência humana é de caráter absolutamente imaterial, inobjtificável, ilimitável. Ela consiste numa abertura que venha a surgir, e portanto ser, nesse campo mundano de abertura como qual o ser humano existe (...) a nossa natureza básica (...) está sempre e continuamente expandindo o campo espaço-temporal do mundo inteiro”. (pg. 181)

*Sonhar-dormindo, sonhar-acordado* e estar desperto são modos diferentes de realizar a mesma existência humana. Possuem, no entanto, características básicas do existir humano: temporalidade, espacialidade, afinação, historicidade, corporeidade e mortalidade.

Como distinção, o *sonho-desperto* propicia maior liberdade e ampliação do mundo. Num estado saudável, é possível escolher as relações existenciais que se habita. “A intervenção possível da consciência no sonhar-acordado\* traz um sinal decisivo”. (Bachelard, 1996:11).

A idéia de sonhos ao dormir como oráculos misteriosos esteve presente em muitas sociedades ao longo da História, sendo comum pessoas preverem acontecimentos com base nos próprios sonhos. Este caráter profético do sonho do sono, em civilizações antigas, eram mensagens, revelações de Deus para a humanidade. Tal evento acontece também em algumas sociedades contemporâneas, como em certas aldeias indígenas, em que os sonhos de Caciques são considerados sagrados e proféticos\*\*.

O sonho desperto será capaz de atingir este significado? Será possível caracterizá-lo como um norteador da vida? Construimos nossa realidade conforme nós sonhamos? É possível viver sem sonhar? Estas são algumas questões que norteiam minha busca da compreensão do *sonho-desperto*.

O ser que sonha é o homem, que se caracteriza por ser uma abertura, um ser em compreensão, no mundo; e que tem que dar conta de si mesmo. É um *ser-por-vir*. Cada ser possui uma trajetória própria, um modo singular de se relacionar, e de dar sentido às coisas. Neste caminhar do ser-aí, há um movimento.

---

\* O termo original é *Devaneio*. Foi alterado por mim.

\*\*Informações obtidas através do índio Uasari, proveniente da região amazônica em visita ao Sítio em Itapeçerica da Serra, realizada em excursão escolar em abril de 2008. Indicação de Daniel Munduruku.

*“O mundo nunca é alguma coisa estática, uma coisa que simplesmente nos foi dada e à qual uma pessoa, então ‘aceita’, ou ‘ajusta-se’, ou ‘combate’. Ao contrário, ele é um padrão dinâmico, no qual, desde o momento em que possui autoconsciência, estou em processo de planejar e projetar”.* (May, 1993:137).

O imaginar possui uma função importante para o ser. Através da imaginação, o homem se depara com suas possibilidades de ser. Um grande pensador do devaneio –que transita entre o mesmo território que o *sonho-acordado*, sendo este talvez uma faceta do primeiro –é Gaston Bachelard. Ele explora este campo com profundo domínio e inspiração, e conseqüentemente fornece muitas contribuições.

Bachelard (1996) propõe a *função do real*, que constitui-nos como realidade e a *função do irreal* que busca respaldo no *não-eu* meu, que é uma abertura para mundos belos. O autor coloca que

*”O devaneio é um fenômeno espiritual demasiado natural – demasiado útil também para o equilíbrio psíquico. (p.14) (...) Pela imaginação, graças às sutilezas da função do irreal, reingressamos no mundo da confiança, no mundo do ser confiante, no próprio mundo do devaneio”.* (p.11)

A imaginação é o princípio de excitação, de um devir. A imaginação nos afasta da estabilidade dando-nos novas hipóteses de vida e confiança.

*“A imaginação tenta um futuro (...) um mundo que se forma no nosso devaneio, um mundo que é nosso mundo (...) ensina-nos possibilidades de engrandecimento de nosso ser nesse universo que é o nosso. Existe um futurismo em todo universo sonhado”.*(Bachelard, 1996:8)

O futuro, o presente e o passado são desdobramentos da temporalidade, um aspecto propiciador do caminhar, do movimento. O homem é um ser em abertura, em direção à morte, á finitude.

*“Longe de ser exterior ao homem, o tempo é extensão e criação da realidade humana. É paradoxalmente condição de sua existência e garantia da sua impermanência. Porque o homem cria o tempo, mas não o determina. (Augras, 1981:27)*

O tempo é um dinamismo de significação entre o presente (tempo de ação imediata), passado (expressão de si mesmo) e futuro (horizonte existencial).

*“Essa capacidade para transcender as limitações imediatas do tempo, de visualizar a própria existência auto-consciente à luz do passado distante e do futuro, de agir e reagir nessas dimensões, de aprender em cima de um passado de mais de mil anos para moldar o vasto futuro, é a característica única da existência humana.” (May, 1993:50)*

O presente é o tempo da ação e da experiência imediata. É o modo de estar aí. Há o tempo do relógio, que é extremamente importante no estar-aí com os outros, no mundo compartilhado. O cotidiano é organizado a partir do calendário. Porém, no mundo das significações, o tempo cronológico se esvazia e o momento mais importante pode deixar de ser o imediato.

Este pensamento nos leva ao tempo passado. É comum se perder na orientação do tempo cronológico ao lembrar-se de eventos ocorridos. Muitas vezes algo vivido há muitos anos, está mais presente do que algo recém ocorrido. O tempo passado não é somente o que se viveu, determinado por datas e fatos. O passado diz respeito a uma maneira de estar que se é familiar, aconchegante e identificadora. É a expressão de si mesmo sobre sua própria história. O passado é a história natural do indivíduo assumida a partir de um significado próprio. O passado por sua vez é significado com base no presente e no futuro.

O futuro caracteriza-se como uma abertura. Como imagem e novas possibilidades de ser e de ocupação. Estar-presente futuramente é estar inevitavelmente aberto para ser tocado por alguém ou alguma coisa e, ao ser tocado, viver uma transformação. O futuro é uma provocação radical ao modo-de-ser da pessoa do que um movimento para ser absorvido pelo novo.

Viver verdadeiramente o futuro é angustiante, e é inevitável que assim seja. Porque estar aberto à transformação implica necessariamente afetar a forma

anterior de ser, implica existencialmente num abandono e morte de si mesmo. É entrar em contato com o modo de ser próprio de forma absoluta. “*Viver no futuro significa um salto para o desconhecido, e isso exige coragem sem precedentes imediatos e compreendida por poucos*”. (May, 1982:10)

Augras coloca:

“*O futuro também atua, enquanto esperança ou receio. Nessa perspectiva, não é o passado que determina o presente, nem este o futuro. Ao contrário, é o sentido da trajetória do ser que modifica a significação do passado e do presente*”. (1981:31)

*Por-vir* é esperança, que poderia ser tema de outro trabalho, assim como muitos pontos aqui mencionados. Recorro a uma obra poética de Mário Quintana (2003:11), chamada Esperança, como metáfora do *por-vir*.

*Lá bem no alto do décimo segundo andar do Ano  
Vive uma louca chamada Esperança  
E ela pensa que quando todas as sirenas  
Todas as buzinas  
Todos os reco-recos tocarem  
Atira-se  
E  
— ó delicioso vôo!  
Ela será encontrada miraculosamente incólume na calçada,  
Outra vez criança...  
E em torno dela indagará o povo:  
— Como é teu nome, meninazinha de olhos verdes?  
E ela lhes dirá  
(É preciso dizer-lhes tudo de novo!)  
Ela lhes dirá bem devagarinho, para que não esqueçam:  
— O meu nome é ES-PE-RAN-ÇA...*

Busco também a contribuição de outro importante escritor brasileiro, em um depoimento sobre a cidade em que nasceu.

*“Nasci no sul de Minas, em Boa Esperança que, naquele tempo, se chamava Dores da Boa Esperança. Depois tiraram o “Dores”. Pena, porque dores de boa esperança são dores de parto: há dores que anunciam o futuro”.\**

Therezinha Rios\*\* coloca que a utopia faz a gente caminhar. A utopia está numa dimensão do ainda não, do *por-vir*, que abrange o campo da imaginação. A palestrante aponta também a importância de se estar comprometido criticamente no mundo e o ampliar. Uma visão crítica exige humildade e coragem. O *sonho-desperto* está ligado também à utopia, no sentido de que há uma dialética entre o possível e o impossível, que alimenta a esperança e também implica num caráter próprio. A propriedade do ser é um aspecto importante a se destacar.

O *sonhar-acordado* é também um ato criativo, outro campo da imaginação. Através da criatividade, expressamos nossa existência. É um ato de representação da saúde mental. *“A mente precisa às vezes libertar-se dos rígidos controles internos- soltar-se em devaneios ou fantasias- para que as idéias originais apareçam.”* (May, 1982:62)

A criatividade não é apenas imaginação; ela acontece no encontro com o mundo, numa abertura para o novo e para a mudança. May também discorre sobre a criatividade propondo que esta requer coragem. *“A coragem é necessária para que o homem possa ser e vir a ser”.* (1982:11) Pois para ser, é preciso comprometer-se. O autor destaca diferentes tipos de coragem: *física, moral, social e criativa*.

A primeira constitui-se na valorização do corpo como expressão do eu como objeto de arte e fonte de prazer; está associada à empatia com os outros.

A coragem moral está relacionada à audácia, mas prioriza a compaixão. Tem origem na identificação da sensibilidade humana ao sofrimento do próximo.

O terceiro tipo de coragem, social, está vinculada à coragem de se relacionar com outros seres humanos, na abertura para ser tocado e afetado pelo outro. É colocar-se em risco para atingir uma intimidade significativa.

---

\* Retirado de endereço eletrônico de Pedro da Veiga.

\*\* Palestra ministrada por Therezinha Rios no auditório do TUCA, em março de 2007.

A coragem criativa refere-se a novas formas, símbolos e padrões que uma sociedade pode desenvolver.

O autor defende ainda que a criatividade exige coragem porque ameaça o *statu quo* atual, os pressupostos da sociedade e o modo de vida, racional e ordenado. No âmbito mais individual, é o relacionamento *eu-mundo* e o dar sentido a isso que estão ameaçados. O processo criativo é da natureza do encontro. “A criatividade (...) é o encontro do ser humano intensamente com o seu mundo”, (May, 1982:53) e de acordo com o autor, não é possível viver num mundo sem significado.

O *sonhar-acordado*, assim como todo ato criativo, é pautado num paradoxo. “É a contradição aparente de que devemos nos comprometer por completo, e ao mesmo tempo ter consciência de que podemos estar errados”. (May, 1982:18) No *sonho-desperto*, há um risco: pode haver um fracasso. Portanto, é necessário ter coragem e confiança, pois o sonhar é de fundamental importância na trajetória da vida. Se não há um movimento, um envolvimento comprometido, é a própria existência, na sua relação *eu-mundo*, que será condenada.

Este mesmo autor (1993) propõe a existência de três mundos vividos simultaneamente e condicionando-se uns aos outros. São eles o *Umwelt*, ou mundo circundante; *Mitwelt* que corresponde à esfera dos inter-relacionamentos entre os indivíduos e o *Eigenwelt*, ou mundo próprio.

O primeiro corresponde ao mundo dos objetos a nossa volta. É o mundo biológico e imposto, em que somos lançados no nascimento e que temos que de alguma forma, nos ajustar. O *estar-com-os-outros* é o mundo dos semelhantes, da interação entre os seres humanos. Num relacionamento as pessoas são mutuamente afetadas pelo contato e possuem uma mútua percepção. O *Eigenwelt* é próprio do humano e corresponde à percepção de algo no indivíduo. Não se caracteriza numa experiência interna ou subjetiva, mas embasa a visão de um mundo real diante de uma certa perspectiva em que se relaciona.

O autor reafirma a inter-relação entre tais mundo, e destaca que a “*realidade de ser no mundo se perde se um dos modos é exaltado ao preço da exclusão dos outros*”

*dois*".(1993:142) É interessante pensar na correspondência do modo de se dar destes mundos com o *sonhar-acordado*.

O sonho e o mundo, ou a 'realidade' concreta, estão entrelaçados e é importante que assim seja para que o desdobramento da realidade aconteça, para que seja possível ter um futuro significativo e outros benefícios acima discutido. No entanto, cabe atentar para o quanto o *sonhar-acordado* pode ser útil para facilitar a alienação ao se distanciar da realidade, exaltando um modo de se dar em um dos mundos e, perdendo assim, seu caráter propiciador de saúde mental. Um grande distanciamento entre o que se espera ser e o que de fato se é, pode ser propiciador de grande ansiedade e chegar a um nível patológico.

Uma pequena distância entre ambos, no entanto, é considerada favorável ao movimento do homem, fazendo com que este se lance a *si-mesmo*, no mundo.

Ao caracterizar o *sonhar-acordado* como um fenômeno humano intrinsecamente ligado à temporalidade –num *dever* -e à mundaneidade, numa abertura do ser num sentido próprio, como algo que nos sensibiliza e nos dá força, a partir da imaginação e da esperança, pergunto qual o lugar do *sonho-desperto* nas dias atuais.

Numa época em que se vive num ritmo acelerado e encurtamento do tempo em que o aspecto técnico é priorizado; em que simultaneamente há um dinamismo e uma transitoriedade constante; em que os indivíduos possuem grande liberdade devido a aspectos morais sociais mais permissivos, em contrapartida a uma segurança instável, qual é o modo do ser humano vivenciar o *sonhar-acordado*?

A abordagem com a qual pretendo trabalhar é a fenomenológica, que entende o homem como um *ser-no-mundo*, que vive em relação com as coisas e com os outros.

## MÉTODO

Com o objetivo de responder ao problema de pesquisa formulado, entrevistei duas mulheres na faixa etária ao redor de 40 anos, consideradas na meia-idade, na tentativa de compreender o significado do fenômeno *sonhar-acordado* em suas vidas.

De acordo com Sheehy (1980), o ser humano passa por ciclos de vida que são característicos de acordo com sua faixa etária. Faz parte do desenvolvimento humano o enfrentamento do indivíduo nas diversas fases e crises existenciais.

O período que corresponde à meia idade caracteriza-se por ser um período em que algumas conquistas foram alcançadas e ainda estima-se muitos anos de vida, o que possibilita a realização de muitos outros sonhos. A autora coloca também como sendo esta, a fase do abandono do sonho impossível.

*“Por mais perto que uma pessoa chegue da realização de seu sonho, sua concretização não satisfará todos os desejos. A perda da magia que essa pessoa sente (...) é a perda de esperanças mágicas ligadas ao sonho quando ele tomou forma original”.*(1980:379)

Este fenômeno pode acontecer em qualquer época da vida, no entanto, é na meia-idade que este se manifesta de forma mais explícita. O sonhar é colocado em pauta. Por isso, optei por entrevistar pessoas que estão neste estágio de vida.

Para realizar esta pesquisa sigo o modelo da Pesquisa Qualitativa, em que se busca a compreensão particular dos fenômenos estudados. A compreensão é privilegiada em relação à explicação, leis e princípios generalizados.

Trabalho com a idéia de fenômeno, que significa aquilo que se manifesta e se mostra a si mesmo. Na metodologia fenomenológica, é importante situar o fenômeno, que é requisito para que este se mostre, tal qual se manifesta.

Parte-se do princípio de que não há uma realidade absoluta e que certos fenômenos só podem ser compreendidos com a interação do observador com os componentes de uma determinada situação. (Martins e Bicudo, 1989)

Para coleta de dados, faço uso da entrevista reflexiva para obtenção de dados de identificação dos indivíduos e obtenção do relato de vivência sobre o fenômeno sonhar-acordado; com o intuito de propiciar abertura para que o sujeito entrevistado possa discorrer liberadamente, nos limites de interesse da pesquisa. (Zanelli, 2002)

*“Entrevista como um encontro interpessoal no qual é incluída a subjetividade dos protagonistas, podendo se constituir um momento de construção de um novo conhecimento, nos limites da representatividade da fala e na busca de uma horizontalidade nas relações de poder”.*(Szymansky, 2002:14)

As mulheres entrevistadas foram indicadas por terceiros, em função da faixa etária e contatadas por telefone para participarem da pesquisa. O local da entrevista foi aquele definido como o mais adequado para as sujeitas. Os dados foram gravados, a partir do consentimento das sujeitas e posteriormente transcritos. A transcrição foi lida e relida tantas vezes necessárias para maior captação do que foi relatado.

Solicito dados de identificação como nome, data de nascimento, profissão, gênero, estado civil, local de nascimento e onde reside atualmente e se tem filhos; e como consigna detonadora proponho a seguinte questão: *Gostaria que você falasse a respeito do fenômeno ‘sonhar-acordado’ na sua vida.*

Para a análise de dados, priorizo as descrições individuais e interpretações subjetivas surgidas a partir de experiências vividas. Pretendo analisar as possibilidades de múltiplas realidades, na construção de uma realidade social.

*“As descrições não incluem avaliações e opiniões do sujeito sobre a experiência vivida, mas apenas relatam, de modo tão preciso quanto possível, o que ocorre com ele ao viver suas experiências”.*(Martins e Bicudo, 1989:94)

Busco mais uma vez, as contribuições dos autores supra citados para definir o objetivo de uma investigação, que é alcançar os significados atribuídos pelos sujeitos do fenômeno que está sendo pesquisado.

*“O significado que o pesquisador pode detectar nas descrições têm como referência a totalidade das experiências vividas pelo sujeito; essa totalidade vai além da consciência explícita do sujeito”.* (Martins e Bicudo, 1989:94).

A partir da análise dos dados obtidos, pretendo encontrar unidades de significados, para chegar a uma análise da estrutura do fenômeno.

## **ANÁLISE DOS DADOS**

Após o encontro com as duas participantes, em que aconteceram as entrevistas, onde elas generosamente discursaram sobre sua vida e o *sonhar-acordado* para elas, alguns elementos emergiram. A partir destes dados realizei uma análise, considerando também conceitos anteriormente levantados.

### **Análise dos dados da entrevista com L.**

L. é uma mulher de 40 anos, arquiteta, solteira e, no momento, passa por uma crise existencial, em que está repensando e re-significando diversos modos de ser-aí. Isto nos leva a fazer uma correlação com o *sonhar-acordado*, pois o rompimento de um sonho, ou de um sonhar, assim como seu modo de existir, também está em jogo.

A participante encontra-se num momento de fechamento e isolamento, de rever valores, desejos e projetos. No momento, o seu modo de *estar-no-mundo* está restrito. No entanto, é importante para ela saber o que quer e onde vai colocar sua energia, para que seja possível uma re-significação do seu modo de ser e uma possível re-abertura num tempo futuro.

Alguns aspectos destacam-se na entrevista com L.: A *temporalidade* e o *ser-com*, o contato com a realidade concreta e o sonho como da essência do homem.

A temporalidade esteve bastante presente no discurso de L., sendo um dos pontos centrais surgidos na entrevista. Alguns sonhos que até então acompanhavam-na, estão sendo abandonados e substituídos por outros menos ilusórios. Para L., o sonhar não possui mais um tempo amplo para que a realização aconteça por si só. O tempo lhe chama para responsabilização do seu ser e suas realizações. “*Quarenta anos, não teve filho, é melhor se despedir desse sonho*” (...) “*O tempo dá uma gritada. Aí ele fala: Epa! Você vai deixar passar quanto tempo disso tudo*”?

L. trás este momento como um período em que há um tempo futuro, que exige mudança, mas ainda sem sentido. Isso repercute tanto em seu tempo passado quanto no seu tempo presente, que também se revela sem um sentido claro, o que é característico da crise existencial. “*Quarenta anos e um horizonte inteiro pela frente, mas sem perspectiva nenhuma. (...) Eu nem sei dizer para você, hoje, o que eu quero*”. Neste momento não há projetos para L. Ela revela-se

paralisada. *“Você está me pegando num momento crucial em que estou vivendo isso”*.

Na apreensão da finitude como algo mais próximo, emerge a propriedade ontológica da temporalidade, que no dar-se ôntico necessita ser redimensionada e assumida. Há um *“aceleramento”* do tempo. Assuntos, que se *“deixava passar”*, estão sendo cobrados. O tempo convoca L. para sonhos mais próprios.

A necessidade de *sonhar-acordado*, de projetar-se em possibilidades, que se caracteriza numa abertura para um tempo futuro é imprescindível para que haja um movimento, e um desdobrar da realidade e que a vida isso possa ser reconstruída e re-significada.

Por outro lado, o tempo também é compreendido com algo amigável e favorável na cura. Há um movimento que liberta. *“Eu sei que passa. Já aprendi que passa”*.

O fato de haver uma temporalidade é libertador. L. coloca que ter um projeto é o que dá sentido no seu caminhar. É o que abre o ser para seu existir.

Outro ponto central na fala de L. refere-se à coexistência. Ela coloca o *ser-com-os-outros* como um aspecto importante do seu existir.

O outro, ao mesmo tempo em que a desafia, também a fortifica. É importante que haja uma abertura para estar com o outro, mesmo que esse provoque transformações no seu modo de ser e na sua segurança de estabilidade. *“Vem alguém e te provoca um monte de coisas (...) e te põe pra olhar no espelho, te desafia de todos esses valores (...) do que você realmente é”*.

Apesar de considerar o *Eigenwelt* e entender que para ela é importante estar bem internamente e em paz, L. em muitos momentos coloca o outro como fundamental ao seu ser. Relaciono a fala de L. ao mundo do *mitwelt*.

A confraternização é também abordada, como aspecto potencializados de felicidade. *“Prazer compartilhado é muito mais bacana do que prazer sozinho”*. Mesmo o sonho é melhor quando compartilhado, vivido junto. *“Eu estava (...) fazendo planos, mas duvidando um pouco deles, achando que eles estavam meio solitários”*.

Ela propõe um tipo de relação saudável como a de fazer com e não fazer por, o que é considerada como uma relação de cuidado. *“Não é dividir no sentido de dar minha energia para você, mas é no sentido de confraternizar. De os dois estarem vivendo a mesma energia”*.

Outro aspecto que permeia o discurso de L. e que em algumas ocasiões ela aborda diretamente é o da mundaneidade ou o *umwelt*. São os dados da realidade que vão barrar ou afirmar o seu sonho.

O contexto em que se vive, determina em parte o sonho e a realização deste. Relação do sonho com a realidade concreta está, a todo momento, sendo atravessado um pelo outro. *“Eu não estou numa caverna no deserto do Saara. Eu estou em São Paulo”*. Às vezes, mais aproximados e em alguns momentos mais distantes.

Além dos parâmetros oferecidos pelos dados da realidade, há também uma cobrança de coisas vitais que precisam ser cumpridas para a garantia da existência. E, em momentos em que os sonhos estão frágeis e indefinidos, como a fase que L. está atravessando, pode levar o indivíduo continuar em movimento. *“A rotina dá uma força para a gente. Tem que ir”*.

L., em sua fala, considera importante o fenômeno do *sonhar-acordado*. Neste aspecto ela considera a correlação do sonho com a realidade, como sendo importante para a disposição do ser-aí. *“Quando a gente manda mais alegria, acho que o mundo te trás mais coisas assim”*. A concretização do sonho como um aspecto que impulsiona a abertura do ser-aí.

Ela afirma que o processo de sonhar e ver os sonhos realizados é um aspecto que dá muita vibração e sentido ao seu agir. Mas que o distanciamento da realidade, às vezes, é necessário para que não se atenha a uma crueza por demais dura da realidade, e lhe seja possível caminhar. *“Mas vamos embora, e fingir que isso também não é um problema”*. O sonhar acordado propicia este movimento.

L. coloca o *sonhar-acordado* como essencial ao homem. Para este, é necessário acreditar e ter esperança. L. trás ainda a necessidade de ver um sentido nas coisas, que se dá através do imaginar e da criação de um projeto. *“Eu*

*preciso saber o que eu quero, para poder por energia naquilo. Eu preciso ter um projeto”.*

A criação de um projeto, apesar da fundamental importância, nem sempre é fácil. É mais difícil quanto mais possibilidades há.

L. coloca ser essa realidade como um aspecto presente na contemporaneidade, em que os modelos e referências estão bastante frouxos e não há um direcionamento e segurança confortantes. É a explicitação do ser-aí livre e cheio de possibilidades, tendo que dar conta de si mesmo. *“A gente tem uma folha em branco. É muito difícil ter uma folha em branco pra começar um projeto, com todas as possibilidades de um terreno. Tem algumas coisas que te amarram para começar a desenhar. Aí você pode fazer tudo. Acho que tem um impulso, tem uma coisa mais fácil que te leva a inventar tudo isso”.*

Aparece então o ato criativo, como algo que lança o homem a superar esse desafio, da angústia paralisante. O ato criativo exige coragem. Entendo que ter uma página em branco, para L., corresponde a exigência de ter que responder sem que haja um modelo que garanta de que a ação resultará satisfatoriamente.

É ter que responder a si mesmo, é um encontrar-se. E neste encontro que ocorre a criatividade. *“O relacionamento entre o ser e o não-ser está presente e é ativado pelo encontro do artista com as cores brilhantes da palheta ou a brancura áspera da tela. Muitos artistas descreveram a excitação desse momento: é como se se repetisse a história da criação; é como sentir a vida, de súbito, e possuir uma vitalidade própria”.* (May, 1982:82)

L. fala sobre o sonho como algo permanente e constante, com diferentes facetas, que vão mudando no decorrer da vida. *“Não sei se o sonho se transforma. Ele está lá. Mas vão caindo as máscaras”.*

Aponta outro aspecto importante do sonho: a morte deste. A quebra de um sonho em que se investiu energia, é um momento em que se dá conta que algumas coisas eram ilusórias. Quando se percebe que o sonho se distanciou da realidade e algumas coisas que eram fundamentais deixam de pertencer ao foco central, instala-se um momento de dor e de tristeza.

O sentimento decorrente da morte do sonho, ou de sua realização, é proporcional ao tamanho do sonho e à quantidade de energia investida nele.

Pompéia vem a contribuir, quando fala que a energia, ao contrário do que se pensa, está no sonhador e não no sonho. E que na morte de um sonho, deve-se enterrar o sonho e olhar o que havia nele, para que a energia volte ao sonhador e este possa *sonhar-acordado* novamente e continuar a colocar energia em outro sonho. Ele afirma que é importante ser teimoso e acreditar nos sonhos, porque estes morrem, mas a força deles não, “*ela apenas se esconde, e podemos trazê-la de volta*”. (2004:44)

Associo isso quando L. fala que “*há um momento de dor, de repensar e depois volta a boa e velha L.*” Ela fala também que “*o sonho está sempre lá, só que cai as máscaras*”. Penso que o cair de uma máscara é a quebra de um sonho, mas a energia está nela, então o sonho, de alguma forma, permanece, o que nos leva a pensar que L. é dotada de teimosia.

### **Análise dos dados na entrevista com M.**

M. é uma mulher que possui uma trajetória de vida bastante particular. Durante 15 anos viveu uma vida confissionária em diferentes países do mundo. Considera-se uma cidadã do mundo, na dedicação ao próximo, tendo o sonhar-acordado e o ajudar os outros como norteadores de sua vida. *“Uma vida inteira de alguém que decidiu dedicar sua via aos outros, está permeada nesse sonhar-acordado”*.

O *ser-com* e o compartilhar aparecem como fundamentais para M. É através do outro, na relação com este, que M. se realiza. Suas ações são pautadas num ideal, que é a melhoria da vida do outro. Esse ideal é construído a partir do *sonhar-acordada*. *“Eu diria que o sonhar-acordado, para mim, é quase o pão nosso de cada dia”*. É a partir do *sonho-desperto*, que M. constrói sua realidade e se abre para o mundo. *“Esse sonhar acordado para mim sempre significou isso. Estar aberto para a realidade do mundo”*.

É freqüente, no discurso de M., o *sonho-desperto* vinculado à realidade concreta, sendo aquele propiciador de movimento e realizações. Através do *sonhar-acordado*, há ação humana e transformação. Ao planejar algo, há um lançar de *si-mesmo* em busca de algo, que gera o movimento e a realização. *“É justamente quem sonha, é quem tem condições de materializar o real”*. O sonhar, ao se descolar do concreto, que é considerado por M. como limitador, amplia as possibilidades de realização e supera dificuldades presentes. O sonho seria o que dá movimento na vida.

O indivíduo, enquanto autor de sua própria história, age no ambiente e constrói sua realidade. *“Eu sou uma pessoa feliz porque eu vejo essas pequenas mudanças nesses pequenos mundos em que eu vivo”*. M. afeta e é afetada pelo mundo em que vive, sendo o *sonhar-acordada* que permeia suas ações.

Ao mesmo tempo, esse descolar do concreto e ampliar de possibilidades, permite que o indivíduo lide de forma saudável com a frustração de algo sonhado e não realizado. Ao *sonhar-acordado*, M. aceita o paradoxo existente neste ato de

criar, entre ter o total comprometimento e consciência de que talvez esse sonho não dê certo.

M. afirma que o homem é um ser em relação e não pode ser pensado como um indivíduo isolado. O *sonho-desperto* passa, portanto, pelo sonhar coletivo e a realização estaria em realizar o seu sonho, junto ao outro. “O *sonhar com os outros é realizar os teus sonhos sonhando o sonho dos outros*”. (...) “A *felicidade termina sendo mais concreta quando ela leva esse impulso de felicidade para o outro*”.

O *ser-com-os-outros* é um aspecto fundamental para M., que defende os valores de solidariedade e ajuda ao próximo. Ela coloca os ideais humanitários como uma máxima a ser seguida em sua vida. É o que dá sentido a ela na construção de um mundo melhor, através do bom e do belo. Seguir os ideais da humanidade é seguir o sonho coletivo, que é próprio do homem. “É *próprio do espírito humano sonhar com a realização dos grandes ideais da humanidade, do homem, que é a beleza, a bondade*”.

O sonhar-acordado, de acordo com M., é próprio do homem, o diferencia dos animais e a motiva viver. “É *o que faz a gente ser diferente, que te mantém vivo na luta*”. É constitutivo do ser humano sonhar, criar e transformar. “A *partir do momento que o homem é mutável, é criativo, é o que é como constituição, o sonhar tem que fazer parte também*”.

Ao pensar na fala de M., associo esta com a colocação de Rollo May sobre a coragem no ato criativo. Nota-se uma grande coragem moral em M. o que sustenta o sonho de compaixão e sensibilidade ao próximo. Esta mulher se lança numa abertura de mundo para a realização de seu sonho, que é realizar o sonho do outro, mesmo em detrimento de um mundo próprio. É no compartilhar, no mundo do *mitwelt*, que M. dá sentido a sua vida.

Mesmo que, de certa forma, o *si-mesmo* de M. esteja reduzido, ela considera também a importância da solidão em alguns momentos, para o desenvolvimento e satisfação pessoal. “A *solidão (...) te faz melhor, o saber ser feliz com você mesmo*”.

O *ser-no-mundo* e o *ser-com-os-outros*, ou seja, o ser em relação, é um aspecto bastante forte para M., que não acredita no ser isolado como algo pleno. O ser humano, para ela, deve estar no mundo e aberto para este. O *sonho-desperto* é fonte de energia para a luta da vida e um fator propiciador desta abertura e do se lançar.

Apesar de pouco citar a temporalidade de forma explícita, M. utiliza muitas vezes termos como movimento e realização, o que indica uma propensão para o tempo futuro, atuando no presente. Isso se confirma quando considera “*sonhar o futuro, uma coisa inspiradora*”.

M. defende que quem sonha não é um iluso, ou dissociado da realidade. Ao contrário, é este que será capaz de transformar uma realidade. No entanto, ela fala sobre traços da cultura atual e ocidental, de pensamento cartesiano, que muitas vezes descaracteriza o *sonhar-acordado*, colocando este como ‘algo’ não confiável ou irreal. A cultura capitalista, de consumo, transforma muitos ideais, filosofias, e até mesmo a religião em algo objetificado a ser consumido. “*Tem muita coisa que você tenta importar para a tua cultura, que não funciona porque é próprio daquele estilo de vida*”.(...) “*O ocidente trata de trazer muita coisa do oriente, mas ele faz com uma cultura capitalista (...) e “coloca como mais um item de supermercado”*”.

Referindo-se à contemporaneidade, M. faz uma crítica á mentalidade capitalista. É um pensamento de causa e efeito muito objetivista, que acaba por vezes fragmentando a relação *eu-isso*, e mesmo *eu-tu\**, para que tudo seja produto a ser consumido. M. defende que isso acontece até mesmo com a religião. Amplio este pensamento, para o *sonhar-acordado*. É muito comum o uso do termo *sonho-de-consumo*.

---

\*As palavras princípios *eu-isso* e *eu-tu* foram empregadas aqui considerando as contribuições trazidas por Buber (1979).

## DISCUSSÃO E CONCLUSÃO

Para realizar a discussão e desenvolver algumas considerações finais vou retomar alguns aspectos discutidos sobre o fenômeno do *sonhar-acordado*.

Logo ao princípio do trabalho, caracterizo este fenômeno como *um movimento de se lançar para o futuro, numa abertura, de forma que a imaginação, o devaneio atravessa e é atravessado pela realidade concreta e externa*. O *sonhar-acordado* é um fenômeno humano e real, que provê possibilidade e energia de ser, o que resulta numa grande força humana.

Essa força, que muitas vezes é remetida ao sonho, que faz parte do ser na sua relação com o mundo e não pode ser objetivado, se revela no ato de *sonhar-acordado*.

Através deste fenômeno ocorre também a significação, que segundo a visão da fenomenologia é um dos âmbitos principais do existir humano.

Ao explorar o fenômeno *sonhar-acordado*, diferentes aspectos estão vinculados de forma indissociável e são, de certa forma, constituintes deste.

Um desses aspectos é a *imaginação* é entendida como favorável à psique humana e afasta o homem da estabilidade. Pertence ao mundo da confiança e do engrandecimento de nosso ser.

Como desdobramento da imaginação, há o *ato criativo*, em que o *sonhar-acordado* é um exemplo. 'Algo' criado nunca é algo completamente inusitado, isso faz parte do mundo do sonhador. O *sonhar-acordado* revela a abertura do ser e indica aspectos da realidade que se revelam significativos e para onde irá se expandir seu campo espaço-temporal, numa liberdade consciente. Isso interfere na afinação do sujeito com o mundo.

A *temporalidade* é outro aspecto importante a se destacar, pois nesta propriedade ontológica do ser, se desdobra o fenômeno em questão. Cabe ressaltar o tempo futuro como horizonte de significação, tanto do presente como do passado. O futuro abre para novas possibilidades e inevitáveis transformações.

A partir da imaginação, como ato criativo do lançar a *si-mesmo* na abertura para o futuro, acontece um desdobramento da realidade. O homem deixa de ser totalmente determinado pelo meio e habita o mundo de forma mais singular.

O *sonhar-acordado*, comparado à utopia, destaca a dialética entre o possível e o impossível; além da ampliação de mundo, na esperança, e que exige que o ser se aproprie de *si-mesmo*. Ao nos responsabilizarmos por nós mesmo, assumimos uma tarefa e um risco. Por isso, o sonhar exige coragem.

Outro aspecto importante a destacar é a relação sonho e realidade, cabendo ressaltar, mais uma vez, que a definição desta é algo questionável. Não será exatamente porque o *sonhar-acordado* a permeia?

Após retomado os principais elementos teóricos contemplados no corpo do trabalho, busco uma correlação nos dados trazido pelas participantes da pesquisa. Quero mais uma vez contextualizar a circunstâncias em que a pesquisa se realizou e seu objetivo.

O problema de pesquisa é buscar uma compreensão do fenômeno *sonhar-acordado* e qual seu lugar na contemporaneidade.

Foram realizadas entrevistas reflexivas com mulheres de cerca de 40 anos como requisito da escolha. Essa faixa etária corresponde ao meio do caminho existencial, em que a questão do sonhar, como em todas crises típicas, emerge. Neste período da meia idade, no entanto, este fato tende a ser mais intenso. Por já haver dados de experiências de vida, os sonhos supõem-se serem mais concretos.

Tal hipótese se confirmou no discurso de ambas mulheres. No sujeito L., o tempo a chama para uma responsabilização de si numa reestruturação de projetos de vida e re-significação de mundo. No discurso da participante M., isso apareceu de forma bastante nítida, através da ênfase do vínculo do *sonhar-acordado* com a realidade concreta, sendo o primeiro propiciador de realizações e materializações.

Isto vem de encontro com a colocação de que o sonhar, numa forma autêntica de se dar, não pode ser desvinculado da realidade, mesmo porque,

como já foi abordado, isso não é possível. O sonho e o mundo, no modo como estes se inter-relacionam, constroem a realidade e a existência do ser.

Podemos observar, através das análises dos dados levantados, outros conteúdos que se repetem, apesar de escolhas diferentes de vida.

Dados da realidade incluem as coisas e os outros. O *ser-com-os-outros* foi um dos principais pontos levantados pelas duas entrevistadas. Mesmo que o *sonhar-acordado* pertença a um âmbito 'subjeto' e particular, emerge a 'necessidade' de um outro e do compartilhamento.

Entendo estas aparições como confirmação do homem enquanto *ser-no-mundo*, um ser em relação. A separação sujeito/objeto não existe.

O desejo de estar com o outro, como forma de satisfação e realização pessoal, implica numa coexistência solidária. Concordo com M. ao considerar este valor (solidariedade), além da (com)fraternização, (con)fiança, (com)partilhamento e (com)paixão pouco exercitados atualmente. Será que não é por isso que a coexistência foi destacada de forma tão explícita e intensa por ambas as participantes?

A temporalidade também foi contemplada em ambos os discursos. O tempo como algo que movimenta, que provoca. O *sonhar-acordado* de forma autêntica é uma apropriação do tempo futuro, que possibilita uma transformação e significação. É um de-vir. O futuro assume então, um papel imprescindível no acontecimento do *sonho-desperto* que vai determinar o modo de se dar de uma existência, como mostram os dois exemplos obtidos na pesquisa.

O *sonhar-acordado* foi caracterizado nos discursos como essencial do homem e fazendo parte do espírito humano. A fenomenologia não trabalha com a idéia de essência como algo previamente dado, mas considera certos princípios ontológicos, relativos ao ser, como a temporalidade, mundaneidade, compreensão, angústia além de outros. O *sonhar-acordado* se refere a todos estes princípios e portanto, pode-se considerar manifestação própria do homem.

Independente da concretização do sonhado, o sonhar continua a existir, apesar da amplidão de possibilidades e ausência de garantia de sucesso. Mesmo numa cultura de mentalidade capitalista em que o consumo de bens (objetos) são

modos dominantes na lógica contemporânea, o que remete a um desencontro com o *sonhar-acordado* como fenômeno, este resiste e persiste.

A pesquisa realizada demonstrou que, independente dos diferentes dados de realidade e da singularidade de cada ser humano, o fenômeno sonhar-acordado se revela.

O *sonhar-acordado* foi considerado através de um projeto de vida, como algo norteador que mobiliza a realização pessoal.

Este trabalho de pesquisa foi um ponto de partida, que ampliou a compreensão do fenômeno *sonhar-acordado*, que se revelou na vida de duas mulheres na meia-idade.

Foi um trabalho prazeroso, pelo próprio tema que a todos acomete. Porém não foi fácil. A escassez de bibliografia de cunho científico e a dimensão do *sonhar-acordado* exigem um esforço na apreensão e manuseio dos conceitos que abrangem este fenômeno, no cuidado de tentar dar conta de forma mais rica possível do tema *sonhar-acordado* e respeitar sua inesgotabilidade.

Este trabalho passou e foi aprovado pelo Comitê de Ética em pesquisa da PUC-SP (Protocolo de pesquisa no. 257/2008).

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AUGRAS, Monique. **O Ser da compreensão**. Fenomenologia da situação de psicodiagnóstico. 2ª. Edição. Ed. Vozes. Petrópolis, 1981.

BACHELARD, Gaston. **A Poética do Devaneio**. Trad. Antonio de Pádua Danesi. Ed. Martins fontes. São Paulo, 1996.

BOSS, Merdard. **Na Noite Passada Eu Sonhei**. Trad. George Schlesinger. Ed. Summus. São Paulo, 1979.

HOUAISS, A. **Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa**. Ed. Objetiva. 1ª. Edição. Rio de Janeiro, 2001.

MARTINS, Joel; BICUDO, Maria Aparecida V. **A Pesquisa Qualitativa em Psicologia**. Fundamentos e Recursos Básicos. Ed. Moraes, EDUC. São Paulo, 1989.

MAY, Rollo. **A Coragem de Criar**. Trad. Aulyde Soares Rodrigues. Ed. Nova Fronteira. Rio de Janeiro, 1982.

\_\_\_\_\_. **A Descoberta do Ser**. Estudos sobre a Psicologia Existencial. Ed. Rocco. Rio de Janeiro, 1993.

POMPÉIA, João augusto; SAPIENZA, Bile Tatit. **Na Presença do Sentido**. Uma aproximação fenomenológica a questões existenciais básica. Ed. EDUC. São Paulo, 2004.

QUINTANA, Mário. **Nova Antologia Poética**. 9ª. Edição. Editora Globo. São Paulo, 2003.

SHEEHY, Gail. **Passagens**. Crises previsíveis da vida adulta. Trad. Donaldson M. Garschagen. Livraria Francisco Alves Editora S. A. 4ª. Edição. Rio de Janeiro, 1980.

SZYMANSKI, H. et al. **A Entrevista na Pesquisa em Educação**: A Prática Reflexiva. Série Pesquisa em Educação. V. 4. Ed. Plano. Brasília. 2002.

### ***Endereços eletrônicos***

VEIGA, Pedro. Bloger. Disponível em:

<[http://pedrodaveiga.blogspot.com/2008/09/rubem-alves-por-ele-mesmo\\_27.html](http://pedrodaveiga.blogspot.com/2008/09/rubem-alves-por-ele-mesmo_27.html)>

Acesso em: 26 de setembro de 2008

ZANELLI, José Carlos. **Pesquisa qualitativa em estudos da gestão de pessoas**. UFSC. *Estudo de Psicologia 2002*, 7 (Número Especial), 79-88.

Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/epsic/v7nspe/a09v7esp.pdf> >

Acesso em: 05 de agosto de 2008

### ***Bibliografia Complementar***

BUBER. Martin. **Eu e Tu**. Introdução e Trad. Newton Aquiles Von Zuben. 2ª. Edição. Editora Cortez & Moraes. São Paulo, 1979.

CALDERONI, Carla Regina. **Interpretação dos Sonhos na Fenomenologia**. Tese de Conclusão de Curso. PUC-SP, 2006.

## ANEXO

### ***Entrevistas***

Nome: L. C. A.

Data Nascimento: 02/08/1968

Profissão: Arquiteta

Local Nascimento: São Paulo

Local em que reside: São Paulo

Estado civil: Solteira

Filhos: -

*Gostaria que você me falasse a respeito do fenômeno sonhar-acordado na sua vida.*

Eu estou passando uma fase meio engraçada... Eu não tinha muita expectativa de fazer quarenta anos. Como um balanço... não. É natural, vai acontecendo, mas os quarenta exatamente me desencadeou um monte de coisa, principalmente com relação a namorado. Eu estava numa fase bacana e a gente acabou fazendo planos. E de repente, a coisa termina meio sem muitas explicações. Que são difíceis de digerir.

Então agora eu acho que eu estou nesse processo de dar... muita energia que eu ia colocando nessa relação, eu tenho toda uma maneira de retomar e colocar em outro lugar e que é um processo complicado e porque você fica, putz, é no trabalho, é na família, é nos amigos. É... Mas é em mim, não é verdade? E se você não tem esse foco muito definido, isso pode dar uma bagunçada. Então acho que é esse processo mesmo do que eu vou sonhar? Do que eu vou agora me dispor a colocar o que eu tenho de melhor? Onde eu vou colocar essa energia? Então eu to revendo um monte de coisas.

Acho que, que eu tava antes, o que eu tava me propondo. Na verdade, é em trabalho é coisa, eu me formei em 91, são 17 anos, nossa!

Então, eu já passei por várias fases. Como eu sou autônoma é uma coisa que é um pouco instável. Às vezes eu estou cheia de trabalho, entra muito dinheiro, mas tem que guardar, porque de repente... É uma coisa que depende um pouco de crise também. Às vezes o mercado está super aquecido e eu não tenho tanto projeto assim, e às vezes está uma puta crise e eu to bombando.

*Nossa, que curioso!*

É. É interessante isso. É isso que eu que eu estava te falando, no meu escritório acabo tendo uma relação muito pessoal com as pessoas, por trabalhar com residencial, por eu estar em contato com a família, eu sempre dou uma investigada nos valores dessa família.

*Você entra numa certa intimidade?*

Total. O que é complicado, e eu tento ficar um pouco assim. Mas você participa de todas as crises. Imagina um casal que chega aqui e fala... eles disputam um pouco de poder, quem quer o que. Isso mostra um pouco a relação deles. Eles querem descontar um pouco naquele momento, alguma coisa que está errada. Então você faz um exercício de investigar exatamente, para não perder muito tempo. Para eu conseguir ganhar dinheiro. Eu não sou psicóloga. Mas eu preciso entender para eu poder propor logo alguma coisa, resolver essa parte, deixar eles satisfeitos e melhorar a qualidade de vida deles, melhorar a relação entre eles, às vezes. Mas me livrar disso, porque não era esse meu papel. Às vezes, cria até certa dependência, aí no final quando a casa já está pronta, quando já está com móveis, etc e tal, eles ainda querem que eu volte e escolha o... castiçal em cima da mesa! Eu digo: - ai vai lá e compra! Sabe? É lindo, vai!

*Confia no seu gosto!*

É. Coragem. Então é uma coisa gozada. No fim, eu sou obrigada a não criar tanto vínculo. Mas acaba ficando todo mundo meio amigo mesmo.

*Se você for ver, você acaba um pouco entrando no sonho deles. Não é?*

Acabo. Você sabe que é isso que me dá tanta vibração para fazer esse trabalho? Porque é uma coisinha que você vai fazendo e vai aumentando, e de repente, você vê eles realizados.

Nem sempre eu tenho essa chance, mas se você participa daquilo, de eles vivendo lá... É confuso também. Porque por mim eu faria tudo de novo, eu sou muito crítica e acho que está tudo errado e posso fazer melhor e não sei o que. Mas ao mesmo tempo, aquilo que você planejou, que você imaginou... O espaço da família, alí, das crianças brincando... aqui eles vão ficar juntos... É tão legal ver isso acontecer. Me emociona, assim.

Mas eu deixo um pouco guardado isso também porque na verdade eu acho que tem que ter uma certa postura de que também não... É tudo conquista deles, não foi minha. Então fica uma coisa meio assim. Mas eu acho que é um pouco o que eu faço na vida toda. Eu acabo fazendo esse movimento.

Eu fico tentando descobrir os meus sonhos e o sonho das pessoas que estão do lado, tentando fazer uma interpretação para eles. Talvez isso seja super difícil porque... você vai no Ivi?

*Não muito. Eu conheço lá. Às vezes eu passo por lá. Já me harmonizei, mas não frequento.*

Entendi. Que é uma coisa muito bacana, que é da essência do ser humano, com a energia a gente pode vibrar, receber também. É muito legal, mas não me tira o foco da análise, de ficar tentando interpretar as coisas. Então é tudo um pouco conflituoso para mim.

De vez em quando, eu entro num processo de... Eu faço yoga também, faço meditação, faço Ivi, e não sei o quê. Mas putz, às vezes, deixa eu ligar para minha terapeuta. Acho que to precisando ir lá. Porque preciso entender pra... eu preciso estar sempre reinterpretando tudo. Porque eu acabo entrando nesse emaranhado todo. O que é meu, o que é dos outros... então é uma coisa meio assim.

*Você começou a falar, eu te cortei para falar sobre o gravador, mas eu não queria perder. Eu falei do período dos quarenta anos, que a Sheery fala da “morte dos sonhos impossíveis” e aí você falou que alguns dos teus sonhos eram ilusórios sim. Como é isso?*

Com relação a relacionamento... É ainda um pouco complicado ser solteira aos quarenta anos e um horizonte inteiro pela frente, mas sem perspectiva nenhuma de... poder encontrar aquilo que talvez fosse... Acho assim: quando a gente está sozinha, e essa sempre foi minha busca. De conseguir equilíbrio de dentro pra fora. Então a yoga, a meditação, esse processo aí de trabalho, coisa que eu tenho sempre que estar, deixa eu ver o que é meu, o que é dos outros, e tal. Isso sempre me fez um pouco entender que é importante você estar legal, você estar estável, você estar independente, você conseguir suas coisas, que isso não vai depender de ninguém. E sempre foi bacana imaginar essa historinha, apesar disso, de ter a questão de família, de filhos. A minha família sempre foi muito estruturadinha, e quando teve uma separação foi uma coisa hou! para meus pais, e tudo o mais. E a gente vai tentando, e convive muito bem com isso. Mas sempre ficou uma coisa assim: Puxa, então quando é que vai ser?

E aí quando você consegue esse equilíbrio, essa coisa interna... principalmente porque você está sozinha, eu acho. Vem alguém e te provoca um monte de coisas. E te põe pra olhar no espelho, te desafia de todos esses valores que você achava... gente, eu sou zen, eu estou ótima, sou super equilibrada e aí você coloca tudo isso pra valer. Aí você vai tirar a prova dos nove, do que você realmente é. Eu acho que aí quebra o sonho, quebra alguma coisa. Não é essa paz toda, eu não estou numa caverna no deserto do Saara. Eu to em São Paulo, nessa doideira. Eu estou com pessoas que também tem lá seus problemas, e também, onde é que eu também estou desafiando eles a tudo isso com essa super consciência de equilíbrio? Então, eu acho que é uma quebra significativa sim. De achar que esse equilíbrio é ilusório.

*É curioso isso que você falou, de equilíbrio solitário, sozinho e equilíbrio na relação, o quanto um abala o outro.*

É. O quanto você acredita que esta no equilíbrio, vem um monte de coisas te mostrar que não, quer dizer, por que eles te tiram do sério? Se era uma coisa meio banal. Porque agora está muito difícil terminar essa relação que eu tive de eu sou auto-suficiente e bacana. E aí eu fico pensando, que na verdade, eu acho que quando você tem uma conquista, é muito mais prazeroso, você confraternizar

essa conquista. Comemorar com alguém. Comemorar sozinho pode ser maravilhoso, mas comemorar com alguém, isso se potencializa. Você dar uma gargalhada sozinha, é bacana, mas você pode se achar meio maluca. Ter alguém para te assistir, ou gargalhar com você, é maravilhoso.

*Me fez lembrar daquele livrinho, que tem mais fotos e algumas frases. Tem um diz que alegria compartilhada é mais feliz e tristeza dividida é menos dolorosa.*

Exatamente, não é dividir no sentido de dar minha energia para você, mas é no sentido de confraternizar. De os dois estarem vivendo a mesma energia.

Agora, por exemplo, eu queria tirar férias, eu tinha dinheiro e falei: eu quero ir para a Europa. E meu namorado tava em crise existencial, de trabalho e não sei o quê. Então, eu podia pegar esse dinheiro e ir com minhas amigas, ir sozinha, ou qualquer coisa. Viver o meu momento. Mas não era nada disso que eu queria. Eu peguei e falei vamos lá! Que eu te seguro. É com você que eu quero ir. Não importa se você tem ou não tem, é com você que eu quero ir. Independente de dinheiro ou não, o que pode, às vezes, ser mais complicado. Não é isso que pega. Meu sonho não é ter mais dinheiro do que eu tenho. Eu acho que essa história de... é importante você ter prazer naquilo. É até isso. Prazer compartilhado é muito mais bacana do que prazer sozinho.

*Você trouxe é que você está vivendo agora bastante essa quebra de um sonho.*

É a história da águia. A águia que se isola um pouco, e vai, acho que cai as unhas... cai tudo.

*É bonita essa história. Cai tudo! E demora meses...*

Ai cai tudo, que história trágica. Mas bom, daqui a pouco ela escolhe se quer viver, ou quer morrer.

*É. Ela escolhe se vai passar por esse processo, ou se ela deixa ...*

Vai desencanar.

*E pra você como é passar por esse processo?*

Há, é super dolorido.

*Você acha que escolheu tirar o bico? Você acha que isso é uma crença no seu sonho?*

O que eu posso dizer é que eu quero estar em paz. Esquecer o sonho maior. E conseguir aproveitar as oportunidades mínimas. Hoje, numa caverna você não enxerga uma flor... cheirosa. Viajar? Bacana. Mas não... Eu acho que é essa busca de rever valores, de rever tudo, pra conseguir, de repente se abrir. É gozado porque talvez tenha sido escolha minha, mas é muito difícil de aceitar que é escolha minha. Você ter escolhido ficar triste, você ter escolhido se recolher. Por que? Parece que a vida te encaminha um pouco para aquilo e você fala: poxa, mas não foi isso que eu escolhi, que eu escrevi lá na geladeira, quando li o segredo. Você fala: meu!

*É. Pensar que é nossa escolha. Acho que racionalmente a gente nunca vai escolher sofrer, e acho que acaba pesando um pouco falar foi uma escolha.*

A culpa, talvez. Sou eu que estou me fazendo sofrer?

*É. Mas eu vejo por num sentido que foi uma escolha no sentido de você preferiu se recolher pra poder se lançar depois, talvez. Você acha que pode ser isso?*

Eu acho que sim. Eu estava num momento... Fazendo planos, mas duvidando um pouco deles, achando que eles estavam meio solitários e talvez, reconhecendo um pouco o que eu realmente precisava. Entendendo com mais exatidão o que ia me satisfazia e o que não. E tentando de algum jeito respeitar isso. Porque até então, você passa um pouco batido. Fala: há! Isso eu tiro de letra, eu não preciso disso para sobreviver. Deixa, um dia eu pego lá. E de repente o tempo dá uma gritada. Aí ele fala: Epa! Você vai deixar passar quanto tempo disso tudo? Não sei te especificar exatamente o que são essas coisas, mas eu me lembro muito me perguntando se eu não estava deixando passar coisas demais.

Eu acho que mulher sempre se coloca um pouco essa coisa cuidadora. Mas de repente, tem essa coisa do latente que precisa ser satisfeita. Essa história de filho com quarenta anos, de não ter filho, que putz.

*Tem uma cobrança social também, não é? Muito forte ainda. Além da questão pessoal.*

Tem. Exatamente. Eu acho que a gente acelera um pouco as coisas também. Porque o tempo fica acelerado até por isso. Quarenta anos, não teve

filho, é melhor se despedir desse sonho. Não tanto porque não pode ter, acho que vai longe ainda, mas porque a relação como o filho vai ficar também... E outra: ai que preguiça! Pára! Tudo bem. Eu posso colocar meu amor em um monte de coisas. Mas também não sei qual esse modelo de família que vai ser. Que eu não tive. Como vai ser essa coisa assim que tem, sem prosperar, sem passar herança genética?

*Há toda uma reestruturação do significado das coisas?*

Isso. E que modelo que é esse? Que eu não tenho muito. Eu conheço mulheres solteiras, que ficaram mais velhas. Não sei se são tão felizes. Hoje tem sessenta e setenta anos e puxa são pessoas solitárias. Mas eu sei que na verdade, a gente está vivendo uma outra coisa. Essas mulheres também não foram super independentes. Então não foram super sozinhas na vida, sempre tiveram alguma coisa que amparava elas. Agora, a gente não tem modelos, não tem referências.

*Entra um pouco o que a gente conversou no começo. Que agora o mundo é mais diversificado. Temos mais opções, e como isso se dá? O que a gente quer? É melhor? Acho que a gente pode dizer que é diferente.*

É. Agora, é a possibilidade de inventar, é um projeto. A gente tem uma folha em branco. É muito difícil ter uma folha em branco pra começar um projeto, com todas as possibilidades de um terreno. Tem algumas coisas que te amarram para começar a desenhar. Aí você pode fazer tudo. Acho que tem um impulso, tem uma coisa mais fácil que te leva a inventar tudo isso.

*Isso é uma coisa bem legal de pensar. Você acha que isso é uma coisa mais sua?*

Não sei. Tem de tudo. É tão difícil. Eu estou difícil de encontrar amigos agora, que tenha essa identificação porque, ou eram casais, ou... era amigas, mas amigas casadas, que não faz o mesmo tipo de programas. É complicadíssimo.

Se eu optei por me recolher? Sei lá. Eu queria ir ao cinema com uma amiga. Ai meu Deus! Quem vai ao cinema comigo? Quer saber? Acho que eu vou sozinha. Eu acabo fazendo tudo sozinha. Vou chamar aquele amigo, mas aí eu

penso: Ai, aquele amigo, mas agora eu to solteira, e aí, não é a mesma coisa. Mas vamos embora, e fingir que isso também não é um problema.

Mas você está me pegando num momento crucial em que estou vivendo isso. Não sei aonde que eu ando.

*Mas é legal, porque tudo isso tá bem em questão.*

Está. Não sei, não sei. Eu fico pensando que assim: eu sei que passa. Já aprendi que passa. Também não foi o primeiro momento de encruzilhada. Acho que já passei por outras.

*Como que foram os outros momentos? Como que você passou por eles?*

Sempre teve esse momento de dor, de complicação, de repensar tudo e depois volta a velha e boa L. Eu acho que no fim essa coisa interna acaba transcendendo. Quando a gente manda mais alegria, acho que o mundo te trás mais coisas assim, e também não é tão dramático assim. Eu nunca fiquei super deprimida. Mas acho que estou. Sei lá, como é essa relação de estar deprimida.

*Acho que quando a gente está vivendo as crises, até isso é difícil de identificar. Sei lá se eu estou deprimida, ou se eu estou ansiosa...*

É. Melhor nem colocar nome! Mas é uma coisa meio gozada, porque acho que a gente tem várias reações dependendo da pessoa.

*É, claro. Cada um é um, e cada um é um numa situação, numa certa fase.*

É. Mas assim, nunca me achei super *deprê*. Nunca deixei de fazer minhas coisas, mesmo porque eu que tenho que me garantir. Eu que pago minhas coisas, eu tenho minha casa, tenho minhas contas. Então ajuda também a organizar tudo isso. A rotina dá uma força para a gente... tem que ir. Não tem como ficar em casa dormindo. Mas é à vontade.

*Essas fases difíceis que você já passou, você considera que também essa coisa do que você acreditava, do que você sonhava estava em questão?*

Eu acho que teve. Eu sempre imaginei que tinha muito tempo pela frente. Que tudo bem terminar uma relação e, daqui a pouco vem outra, e vamos embora. Eu acho que eu nunca tive esse sonho de casar, bonitinha, piriri pororó. As minhas relações sempre foram meio não sei. Enfim, acho que quando a gente passa dos trinta, trinta e poucos, também, já não é aquela coisa muito tradicional. Se bem

que hoje acho que não é tão tradicional assim. Mas acho que na minha época era. As meninas casavam muito direitinho, e dentro de um padrão assim, que nunca foi a minha escolha, na verdade. Então, eu acho que tudo bem. Termina uma relação e continua outra.

Nessa eu sinto que teve mais investimento. Teve mais energia colocada, teve mais vontade que desse certo. Também não sei se, às vezes, eu não chegava falando ai que preguiça de começar tudo de novo. Chega. Eu estou cansada de procurar uma coisa que... Eu que tenho que continuar tocando minhas coisas e ter isso como um complemento. Foi aí que eu te falei, que talvez isso tenha pesado alguma coisa. Até onde eu estou deixando para trás as minhas coisas mesmo. Porque os homens agora de 40 e 50 anos, é uma geração um pouco confusa, eu sinto. Eles são complicados. O que estão muito organizados não passam pela minha vida. Ou porque são casados, com filhos não sei o que. E também, que relação complicada. E tem os que não tem uma relação tão estável assim. E nossa! Não são estáveis no trabalho, não são estáveis em nada. Não sei. Acho que ta difícil, essa geração especificamente.

*Só não sei se isso é exclusivo dessa geração. Entre minhas amigas e eu a gente fala o mesmo da nossa. E não sei os homens mais velhos como são.*

Acho que sim. É um tempo difícil, o mundo está mudando.

Fim da fita. *A gravação foi interrompida no final da entrevista. Escrevo aqui o que foi falado de forma mais fidedigna possível, mas sem a garantia das expressões utilizadas.*

Eu nem sei dizer para você, hoje, o que eu quero. Tanto no trabalho, como em relação à família.

*Para você, é importante saber o que quer antes de fazer as coisas?*

Sem dúvida. Eu preciso saber o que eu quero, para poder por energia naquilo. Eu preciso ter um projeto. Eu preciso de um porque para fazer as coisas.

Às vezes, eu acho que eu até podia deixar mais as coisas acontecerem.

Escolher pelas coisas divertidas. Mas eu faço mais o que eu planejo, o que tem um porque.

*Não sei se vou estar influenciando. Mas num li um livro diz a que a energia está no sonhar e não no sonho como muitas vezes a gente pensa. E quando morre um sonho, dói, mas a energia na verdade está na pessoa. Você acha que esse momento que você está vivendo pode ter mexido mais com o seu sonhar?*

Eu entendo os adolescentes, que estão provando tudo. Não sei se eles sabem o porque estão fazendo. Mas agora as coisas são mais... é mais *diretivo*.

Outra coisa, essa história do Segredo, de colocar o desejo no freezer. Não sei. Mas o homem precisa acreditar. O ser humano precisa disso. Sem esperança, não dá. É da nossa essência.

*Você falou dessa coisa dos adolescentes irem e fazerem, e querer uma coisa grande. Você acha que o sonho se transforma, muda de tamanho?*

Eu acho que assim. Não sei se o sonho se transforma. Ele está lá. Mas vão caindo as máscaras. Cai a luva, depois cai mais alguma coisa, cai a máscara.

Foi como uma conversa. Já fui entrevistada por um jornal, é muito diferente. Hoje foi mais um devanear.

Nome: M. A.

Data Nascimento: 41 anos

Profissão: Jornalista. Atualmente atua como Gerente de projetos de uma Organização Social.

Local de nascimento: Barueri – SP

Local em que reside: São Paulo

Estado civil: solteira

Filhos: -

*- Gostaria que você me falasse a respeito do fenômeno sonhar-acordado na sua vida.*

Eu tenho uma história de vida diferente, não sei nem se isso não vai inviabilizar a tua pesquisa; mas, eu durante 15 anos, trabalhei na Igreja como voluntária confissionária. Então, eu acho que é uma vida inteira de alguém que decidiu dedicar sua via aos outros, está permeada nesse sonhar-acordado.

Que a mudança de vida, na sua própria vida... que a mudança da vida dos outros seja para você uma meta. Que os outros sejam melhores, vivam melhor, seja uma meta. Então eu diria que no meu caso, a minha vida sempre foi esse sonhar acordado, porque o ser humano sempre pode ser melhor, receber mais, ser mais feliz. Acho que a minha meta da vida vai por aí, pela realização. Minha realização passa também pela realização de alguns sonhos coletivos. Melhor condição de moradia, melhor condição de saúde, essas coisas que você quer para todo mundo. E eu durante 15 anos da minha vida me dediquei a fazer isso pelos demais. Eu diria que o sonhar-acordado, para mim, é quase o pão nosso de cada dia.

Até quando eu voltei, uma das condições que eu mesma me pus a não perder é esse idealismo, mas não é um idealismo bobo. Então esse sonhar-acordado para mim é sonhar junto com os outros. Não é um sonho egoísta. Eu quero me realizar! Eu acho que a gente é assim na adolescência, até que você vai entendendo que sua realização passa pela realização de quem você ama. Não dá

para se sentir realizado, se ao seu lado você vê que todo mundo está na pior. E a partir do momento que você entende o outro como teu parceiro. Não só o outro da sua família, mas o outro o ser humano.

Porque eu não trabalhei só aqui no Brasil, eu trabalhei fora. Eu trabalhei muito tempo... Eu fiquei 8 anos no México, e o resto em vários países; fiquei na Itália, fiquei no Chile, fiquei um tempo nos Estados Unidos... então, você termina sendo um cidadão do mundo.

Agora eu to lendo uma biografia do Sérgio Vieira de Melo, que é diplomata brasileiro da ONU, que sofreu um atentado no Iraque e morreu. E eu me identifico muito. Os ideais dele eram muito políticos, e eram talvez mais chãos do que os meus. Mas eu acho que todo mundo que sonha quer mudança, quer transformação real. Por isso que eu sou contra a idéia de que o sonhador é um iluso, um iludido, é alguém que está fora da realidade. Eu acho que justamente quem sonha, é quem tem condições de materializar o real. Se você não sonha você não persegue o objetivo. E se você não sonha, você se frustra com os resultados, que são os que você pode palpar no dia a dia. Quando você sonha, é também uma maneira de te ajudar a aceitar a possibilidade de que esse sonho talvez não se realize. Quando você vive muito da realidade, você se frustra mais do que se você sonha.

*Como assim? Em que sentido?*

Não sei. Eu acho assim, quando você sonha, você está planejando alguma coisa, e quando você planeja, você constrói. Você põe meios para que as coisas aconteçam. Você não vive do acaso, de se um dia... Não. Você diz, eu quero chegar a fazer isso e aí você vai trabalhar e funcionar para que isso aconteça.

*Então o sonho seria o que dá movimento na vida?*

*Eu acho.*

*Mais do que ficar restrito ao concreto?*

Eu acho. Eu acho que o concreto te limita muito. Te emburrece um pouco. Mais ainda quando você trabalha com ser humano. Eu não sou muito cartesiana, esse negócio de eu penso, logo existo. Muitas coisas fogem, acho que a maioria das coisas fogem do nosso controle e da nossa razão. Então, a reação do ser

humano é que faz com que as coisas ganhem movimento. O ser humano é super imprevisível. Apesar de todo mundo dizer que somos... que é a genética... que te determina muito, mas eu acho que não é assim. Eu acho que os comportamentos são muitas vezes imprevisíveis, apesar do ser humano ser parecido em seu geral.

Então, a partir do momento que o homem é mutável, é criativo, é o que é como constituição, o sonhar tem que fazer parte também dessa... aliás, os animais normalmente acho que nem sonham. Que eu saiba não.

*Já ouvi falar que eles sonham, mas é o sonho dormindo. O sonhar-acorado é próprio do homem.*

É, é próprio do homem. Então, eu acho que é isso aí, que é o que faz a gente ser diferente, que te mantém vivo na luta.

*Você falou um pouco desse sonhar com os outros. Achei interessante isso. Você pode falar um pouco mais sobre isso?*

Tem muito haver com o estilo de vida que eu escolhi, para viver. Até voltando dessa vida de confissionária. Eu também optei por trabalhar no terceiro setor um pouco por isso. Eu não me imaginava num lugar onde eu não fosse ver o resultado do meu trabalho numa melhoria de condições de vida das outras pessoas. Eu acho que sonhar com os outros é realizar o teu sonho que também é o sonho das outras pessoas. Não sei, não acho que é piegas. Então você só vai ser feliz se todo mundo for feliz? Na verdade é um pouco assim. Eu não consigo ser tão feliz assim se eu passo e vejo gente pedindo esmola na rua, quando eu vejo coisa pichada... eu acho que toda essa mudança externa, tem haver com uma satisfação tua pessoal.

*Ao se relacionar com o outro, a gente é tocado. Inevitavelmente.*

É. É isso. O homem é um ser de relação. Apesar de que a solidão tem uma parte importante do desenvolvimento, te faz melhor, o saber ser feliz com você mesmo. Eu acho que a felicidade termina sendo mais concreta quando ela leva esse impulso de felicidade para o outro. Acho que é por aí. O sonhar com os outros é realizar os teus sonhos sonhando o sonho dos outros.

*Você coloca isso como o teu sonho?*

Eu acho que é uma parte de um sentimento que é muito humano, e que está muito perdido que é solidariedade. Tem muito haver com o terceiro setor, tem muito haver com ajuda humanitária, com caridade cristã e tudo isso. Mas é do ser humano mesmo. Você vê em coisas concretas. Você termina ficando mais feliz quando você dá um presente para alguém do que quando você recebe. Por que você vai comprar, você pensa na pessoa e vai... e isso te realiza. Fazer uma festa surpresa para um amigo, e tal. Às vezes a gente se diverte fazendo mais as coisas para os outros do que para você mesmo. Quer dizer, esse deveria ser o normal do ser humano.

Eu acho que o sonhar acordado passa por aí. Vivendo numa chave mais do coletivo, de realização que passa pela realização das pessoas que você ama, das pessoas que você considera e em geral da humanidade.

*Não o sonhar acordado isolado?*

Eu acho que não existe isso. Não dá para você se realizar sem ver realizados esses sonhos. Eu pelo menos... não é que eu sou uma pessoa infeliz então porque o mundo nunca vai ser melhor. Não, eu acho que pelo contrário. Eu sou uma pessoa feliz porque eu vejo essas pequenas mudanças nesses pequenos mundos em que eu vivo. Talvez eu não veja solução do problema da África. Essa semana mesmo, uma amiga minha que trabalha... ela é médica e ela foi dois anos para a Guiné, para trabalhar com as crianças com AIDS. E ela te conta, ela te mostra fotos, que você fala... você perde totalmente a esperança na humanidade.

E talvez repita àquela coisa do Sartre que fala que 'o inferno são os outros'. Eu não concordo com isso. Eu acho que a felicidade são os outros. Eu acho que muitas vezes, se você é infeliz, você tá muito olhando para o seu próprio umbigo. Olhas para as coisas que te fazem mal, que você não gostaria que acontecesse com você... acho que quando você abre mais o olho e vê essas pequenas coisas... Um obrigado que você recebe de alguém carrancudo. Porque você entrou no elevador e deu bom dia e todo mundo dá bom dia. São coisas muito bobas. E nem quero entrar naquela coisa da corrente do bem e, não sei o quê. Não é isso. Eu acho que é próprio do espírito humano sonhar com a realização

dos grandes ideais da humanidade, do homem, que é a beleza, a bondade. O bonito, o belo, sempre foi sonho do homem. E o bonito passa pelo cara não morrer de fome, por um trânsito não tão caótico, por uma natureza preservada. Que são essas as criações reais e filosóficas da gente.

Se você perguntasse para mim: o que você quer ser? Você quer ser feliz ou infeliz?

*Você responde que quer ser feliz.*

É lógico. E se eu te perguntar, você quer ser feliz 10 minutos, ou quer ser feliz para o resto da vida? Você vai dizer que quer ser feliz o resto da vida. Mas a felicidade é um estado permanente, ou que você aspira. Então eu acho que o sonho passa por aí, numa realização do sonho do outro. Eu não me veria sonhando sozinha. Isso porque eu não sou casada, não tenho filhos. Talvez, para muitas pessoas minha vida não está plena e realizada porque eu não tenho tudo o que todo mundo acha que é o ideal.

*É o ideal social?*

Social e romântico.

*Com certeza.*

Eu acho que é mais essa compreensão do ser humano como teu companheiro de viagem, como família mesmo. E é legal, porque eu morei muito tempo com gente de muitas... outras culturas. Por exemplo, eu morei com japonesa, morei com neozelandesa. Várias culturas, americana, neozelandesa, brasileira... você acaba pegando um pouco do carinho de cada cultura, e de cada povo, pelo homem.

*Você vê o quanto a gente é diferente e igual a todos.*

E o quanto pode complementar. E aí tem muita coisa que você tenta importar para a tua cultura, que não funciona porque é próprio daquele estilo de vida. Aí, o ocidente trata de trazer muita coisa do oriente, mas ele faz com uma cultura capitalista do ocidente, então não tem o mesmo resultado. Até mesmo a questão da religião. O budismo: Agora todo mundo é super a favor da reencarnação, e que é o melhor. Vai perguntar para o Hindu se ele gosta de reencarnar? Ele acha péssimo! Por quê? Porque a reencarnação é um castigo

para eles. Se você é um espírito puro, se você é um espírito perfeito, você não reencarna. Você morre e acabou. E aí traz para nós, como que a gente quer viver para sempre para consumir mais. Para nós o mundo perfeito é você ter dinheiro para poder comprar muito. Então para você quer continuar reencarnando para poder comprar mais.

*É como uma dissociação da teoria e da prática. Do real e do sonhado?*

É. Você conversa com um Hindu ou fala com um budista, ele quer desmaterializar-se. E aí o que é que faz a nossa cultura? Ela compra isso e faz a mesma coisa que fez com o catolicismo, coloca como mais um item de supermercado.

Eu não sei, acho que é isso.

*Eu acho que você trouxe algumas coisas importantes. O sonhar com o outro, como ser próprio do ser humano, como é uma coisa que dá movimento... Tem mais alguma coisa?*

Não. Eu não sei. Eu só acho o tema muito legal. Sonhar-acordado. Se eu te disser que eu participo de uma ONG que chama Sonhar Acordado?

*Há é?! Que legal, eu já entrei no site dessa ONG. Gostei muito.*

É então. Eu ajudo, eu trabalho com eles. Eles trabalham com crianças, e crianças de populações mais carentes. Então é essa um pouco a visão. Esse sonhar acordado para mim sempre significou isso. Estar aberto para a realidade do mundo.

*É. Eu estou gostando muito, mas é difícil falar sobre o tema. Quase não tem bibliografia específica.*

Por que você escolheu esse tema?

*Então. Eu não sei responde a certo. Eu fui procurando coisas que me tocavam, e que me diziam respeito. E fui lendo sobre coisas que beiravam, mas eu não lembro exatamente como decidir falar sobre o sonhar-acordado especificamente. Talvez eu tenha começado a pensar numa abertura de mundo, o quanto a gente se abre e recebe de tudo isso...*

Tem uma música bonita do Lô Borges, que fala sobre isso, que chama sonhando o futuro, que ele fala sonhar o futuro. É mais uma história de amor do

que qualquer coisa, mas eu acho essa frase *sonhar o futuro*, uma coisa inspiradora.